Paulo de Tarso Cabrini Júnior

VINHO

(Wine-coloured poems)

EDIÇÃO DO AUTOR
2003

ISBN 85-913808-3-5

Seis e meia da manhã. Ainda está escuro. Repare bem: sob a luz amarela do poste, um pedaço do asfalto, liso como um pátio, está brilhante, e o céu escuro está carregado de nuvens. Agora a claridade é maior: as nuvens são muito densas e azuis, e o asfalto brilha na luz de ouro. Choveu. Esse é o começo do inverno, realmente. O calendário já adentrou a estação, mas agora é que virá o frio. E eu penso que minha vida poderia ser tão rica quanto os palácios do rei Salomão. Agora está tudo muito claro. Uma luz opaca deixa rosados os telhados e os muros. A alegria nasce escondida na tristeza. Os pássaros falam muitas línguas nos quintais. Uma árvore é uma torre de Babel. Morrer por amor é estranho como viver por amor. Qual a diferença entre morrer por uma causa e viver por uma causa? A alegria nasce da vida e da morte. E o que entendo sobre o amor? Entendo que, se a vida, todos os dias, é como um céu fechado de nuvens densas, o amor são as pedras preciosas que furtamos além das nuvens, onde mora o sol do futuro. Roubamos o amor, sem que ninguém possa nos deter. Quem quiser roubar o amor não pode pedir permissão, nem ser visto, nem ser condenado em tribunais, como o gigante Prometeu. Falta-nos astúcia para lidar com os espíritos que guardam como cães a felicidade. E habilidade para tirar do bolso dos espíritos

que nos circundam, o dinheiro, cuja existência até desconhecem. Da pedra, tirar o que nem suspeitava haver. Mas roubar para enriquecer-se é tão inútil quanto ter uma mansão na favela. Por isso, furtamos para mostrar aos outros, e para dar aos outros. Mas a pomba, em algum lugar da cidade silenciosa, me pergunta: e se a felicidade não estivesse trancada? E se o tesouro do céu caísse, dia e noite, sobre a Terra? Ah, nesse caso, a nossa única saída seria virarmos pedras, ou plantas. Se a felicidade fosse tão presenteada, qual seria a necessidade de o cérebro ser ágil, astuto e exercitado? Ademais, um homem, minha cara pomba, não se contenta com a matéria bruta que vem dos céus e cresce da terra. Por isso a cabeça trabalha como uma oficina. E se a minha cabeça deixasse de trabalhar, para apenas observar, e fosse larga, minha boca não diria nada; e eu existiria como uma folha no vento. Como homem eu seria uma sucata. E os depósitos ficariam repletos de matéria-prima envelhecida, de antigas alegrias não-trabalhadas. Além disso, seria aborrecido, viver inerte, soterrado pela vida que se acumula. Por isso, a felicidade, até mesmo das imagens da tristeza, deve ser roubada, como uma moeda. E deve ser devolvida, depois de lustrada, para que nossos bolsos não pesem. Dos lugares mais insuspeitados, a felicidade é furtada. E um ladrão deve ser leve, para escapar da Polícia.

Do contrário, será pego e condenado, como Sísifo. Eu já cumpri a minha pena, por ter roubado grandes amores, sob a vista dos deuses. Saio da prisão mais corrompido do que quando entrei. Sem medo da polícia. Espero roubar muito as pequenas esmeraldas do inverno. E os rubis. E andar pelos subterrâneos. E espero ser esperto o suficiente para comprar a amizade dos policiais. São oito horas. A cidade já está claramente nublada. O amor vem chegando, com seu cortejo de alegrias. O sofrimento já bate em minha porta. Um ladrão não pode ser tranqüilamente um príncipe. É a hora perfeita para treinar as fugas.

na chácara dos Fabri

I

sábado

Bebi muito dessa água.
Bebi muito, água gelada
em copos e copos e copos
na sombra do quintal, no sábado de manhã.
Se escrevo é para que vocês a bebam também.
Essa água, todos os dias uma velhinha vem buscá-la, trazendo um balde e duas garrafas.
Essa água está gelada em dois filtros,
mas está gelada e pura, quando cai das torneiras, também.
O ar está frio, mas não há nenhuma nuvem no céu
e tudo está solar no azul do céu, nas ruas do comércio movimentado,
nos campos de frio amarelo e verde.

O calor é sereno do dia, nesses dias,
quando há também o vento, sombra e umidade, que cobre os filtros de barro, com manchas de musgo e cheiro de frescor.
A água. O sol.
As sensações são maiores que o corpo.
Estar vivo é surpreendentemente belo, à parte a História, as Religiões,

e os jornais deveriam ser todos queimados. As galinhas passeiam,
procuram quirera, e talvez procurem o carinho desse estranho;
todo carinho próximo se procura, do céu e da terra.
A vida é carinhosa, porque vem dos céus, e evapora ao céu.
À parte os outros, a vida é carinhosa.
Ponho a quirera per as galinhas. Já lancei o milho de hoje.
E troquei a água nos cântaros de barro. Água fresca, em fresco vaso.
Bebamos.
Bebamos muito dessa água...

II

Menino e moço
me levaram da casa de meu pai
para longes guerras. E o amor da Senhora
sempre me estrelou, em pastos escuros, cavalgando.
Por ela eu ia, em chuvas de néctar,
como das jabuticabeiras as flores caem.
Por ela, a que retorna um beijo longínquo
desde onde está.

Mas eu não levantava meus olhos para o céu, desconfiado,

nem receava o fundo do rio...

Mas eu não sentia a ameaça do Mistério,
nem sentia o Mistério como ameaça...

Por ela eu ia, e trovões me perturbaram...
Por ela eu ia, e tormentas se fizeram...

E o que importa
é o seu manto sobre as tormentas.
Sua paz, cobrindo os inimigos.
Seu poder, maior que todo poder.

Proteção, Senhora...
Proteção das minhas armas que não ferem...

.....

Menino e moço, eu ia, e chuvas de néctar
caíam sobre a casa de cada um,
e eu respirava o perfume das casas
como das jaboticabeiras as flores caem brancas.

Sozinho,
via as estrelas na sala, na cozinha, nos quartos,
nas ruas, filigranas brancas, nos olhos, nos corpos...

Acendia fogueiras misteriosas. Cozinhava galos
e servia banquetes. Sozinho, criava mistérios
nos corações que estavam sentados nos ônibus.
Sozinho
andava pelo mistério dos campos e dos corredores
convencendo os jovens ao mistério mais belo.

Alegria de haver esse mistério nos mistérios...
A música de Bach... O lago interior de Debussy...
Os olhos de meu pai... As mãos de meu irmão...
Tudo é mistério; até a terra do quintal e o telefone...
E todo mistério é natural
como uma tangerina descascada
um copo de leite, um metrô atrasado
ou alguém chamando ao portão.
.....
.....

Saio sozinho ao campo solar, rumo aos eucaliptos,
colunatas colossais, algumas tombadas, e me deito
numa toalha de sol, entre os lençóis do quarto.

Menino e moço, me levaram da casa de meu pai

e agora retornei, com as longes guerras.

Fecho os olhos, e sonho essa batalha majestosa
entre o céu e a terra, quando os céus se abrem,
e tudo, da mesquinhez humana à louça na pia, se eleva
enquanto os céus vêm visitar as terras,
porque é sábado, ou porque é tarde,
ou porque é noite, e os compadres conversam
as comadres conversam, moços e moças namoram
os primos vêm visitar os primos
os cunhados se encontram
os índios vêm comprar, os árabes, vender.
E toda a grande família humana, que é divina,
sai em ranchos, de braços dados com o ar
enquanto o pequeno ganso risca a lagoa amarela
e eu não os caço com a Winchester.

.....

Neste mesmo mourão de cerca farpada
eu vi outrora as constelações
e aprendi com o astrônomo
a ver o Escorpião.
Agora vejo os campos de arroz,
e é como se Van Gogh tivesse pintado,
sob o céu, as cabanas de palha no brejo verde.